



ID: 84252641

João Pedro Campos
urbano@jn.pt

A indicação de que as cidades não estariam adaptadas para as deslocações, a pé e de transportes públicos, da população com mais de 65 anos levou a que um grupo de investigadores da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (FCTUC) e da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto se juntassem e avaliassem as duas cidades, através de entrevistas aos seus utilizadores. O projeto Mobi-Age é encabeçado por Anabela Ribeiro, professora do Departamento de Engenharia Civil da FCTUC, e será apresentado no início de 2020 no Massachusetts Institute of Technology, em Boston.

Do estudo que fez, acha que as cidades atuais são amigas da mobilidade?

A questão que suscitou este projeto foi a de sentirmos que não. A ideia de pensar no grupo dos idosos como foco é natural porque é o que tem mais dificuldades, por questões inerentes à idade e por dificuldades de locomoção. A ideia foi pegar nesse grupo, porque seria pegar pelas maiores dificuldades, e a partir daí pensar nas cidades e no espaço público como espaços inclusivos. É claro que, a par com os idosos, temos pessoas que têm dificuldades de outro tipo.

A que se deveu esse enfoque nos idosos?

É um grupo que tem vindo a aumentar nos países do Norte da Europa de forma exponencial. No futuro, vai ser um grupo com bastante impacto da sociedade, a vários níveis. Por outro lado, este grupo não é tão limitado na sua atividade como podíamos pensar. Porque são pessoas que, a partir dos 65 anos, já não trabalham, têm mais tempo livre, e acabam por optar na sua grande maioria por deixar o carro e andar a pé e de autocarro. O grupo dos idosos que entrevistámos deu-nos o "feedback" que as cidades não estão preparadas para esta população.

Quais são os maiores problemas das cidades?

Os idosos acabam por optar entre dois modos de transporte: andar a pé e de transporte público. E te-

“No Porto, os idosos já são mais do dobro dos jovens de 15 anos”

Anabela Ribeiro Investigadora aponta as lacunas das cidades na mobilidade dos mais velhos



Anabela Ribeiro coordenou estudo sobre acessibilidades de Coimbra e do Porto para os seniores

ESTUDO REVELA QUE OS IDOSOS PREFEREM ANDAR A PÉ OU DE TRANSPORTES PÚBLICOS NA CIDADE

mos dificuldades de um lado e do outro. Do pavimento, que nem sempre é o adequado, dos declives que nem sempre têm elementos que os ajudem a vencê-los, o facto de existirem carros estacionados de forma desordenada, de não existirem passeios.

Isso no grupo que anda a pé. E nos transportes públicos?

O que identificámos foi o facto de não terem a frequência adequada,

sobretudo fora das horas de ponta, o que poderia servir bem esta população, e questões que têm a ver com civilidade, como o facto dos motoristas, por exemplo, não esperarem meio minuto para que eles se sentem.

O envelhecimento da população e o aumento da esperança média de vida tornam esta questão prioritária?

Claro que sim. No Porto, o núme-

ro de idosos já é mais do dobro do número de pessoas com menos de 15 anos. Neste momento não é visto como um problema com grande impacto na nossa sociedade, mas vai ser nos próximos 10 a 20 anos com toda a certeza. Nos países do Norte da Europa, como os escandinavos, já se está a fazer muita investigação nesta matéria.

O uso de tecnologia para identificar esses problemas também não poderá afastar os idosos?

Daqui a 10 anos, a população com mais de 65 anos já terá nascido na década de 1960, já começa a ser uma população com um pouco mais de literacia do que no passado, mais apta a trabalhar com instrumentos como um telemóvel.

Quais são os pontos críticos identificados nestas duas cidades?

Selecionámos os piores casos, como zonas históricas, que têm uma estrutura urbana difícil. São zonas onde vivem muitos idosos, apesar de esta população ter vindo a ser despejada. Estas zonas, além de ter estas características que levantam problemas ao nível da infraestrutura de todos os tipos, são zonas onde o tráfego automóvel não está completamente excluído. E os automóveis a passar, muitas vezes sem autorrestrições de velocidade, e carros estacionados de forma desordenada causam uma série de constrangimentos.

Admite alargar o estudo a outras cidades?

Claro que sim. A ideia é que o resultado deste estudo crie um indicador que permita classificar cada porção de rua das zonas históricas quanto ao seu "age-friendly", ou seja, à sua inclusividade. Para um projeto futuro, pensamos numa plataforma informática que faça a classificação das zonas e que sejam as câmaras municipais a gerir.

Portanto, isto será um projeto para trabalhar em articulação com as câmaras municipais?

A ideia é desenvolver investigação, depois o que fazemos é avançar para ligação às empresas que desenvolvem estas plataformas, como uma app para o telemóvel. A ideia é que a bola fique do lado do tecido empresarial, que desenvolvam uma ferramenta para as câmaras que queiram adquirir. A nossa preocupação é produzir instrumentos concretos para a sociedade. ●